

ANO 8 - Nº 90 - NOV/98

LIBERDADE

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Participação da ASSOC. em PROL do PENSAMENTO LIBERTÁRIO (APPL; CP 053; CEP 40001-970; Salvador/BA) e do CENTRO de CULTURA SOCIAL (CCS/SP CP 2066; CEP 01060-970; São Paulo/SP).

A INSURREIÇÃO ANARQUISTA DE 1918

Há exatos 80 anos, a cidade do Rio de Janeiro era sacudida por uma seqüência de acontecimentos que culminariam em um dos episódios mais importantes do movimento operário brasileiro: uma tentativa de greve insurrecional que pretendia derrubar o governo oligárquico republicano e substituí-lo por um conselho (*soviet*) de operários e soldados.

O operariado consciente brasileiro, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, encontrava-se desde 1917 em acelerado processo de organização. Em julho deste ano, a capital paulista parou com a grande greve geral, desencadeada após o assassinato pela polícia do jovem sapateiro Antonio Martínez. Durante quatro dias a cidade transformou-se num campo de batalha, com inúmeros choques entre a massa popular e a Força Pública. No Rio de Janeiro, então capital federal, desde o início do ano militantes da *Federação Operária do Rio de Janeiro* (FORJ) empenhavam-se numa campanha contra a carestia de vida e, a partir de fevereiro, multiplicaram-se os comícios que, apesar da proibição policial, chegaram a quase 50 até o mês de maio. Acompanhando esse processo de lutas, a FORJ realizava um metódico trabalho de organização e reorganização sindical, que em meados do ano começou a dar os primeiros frutos, com a fundação de importantes sindicatos como a *União dos Operários em Construção Civil* (UOCC, 4/4/17) e a *União dos Operários em Fábricas de Tecidos* (UOFT, 4/8/17). A brutal repressão à greve da Fábrica de Tecidos Corcovado (em maio) e o trágico desabamento do New York Hotel (7 de julho), quando morreram dezenas de operários, acirrou o ânimo dos trabalhadores cariocas. No dia 17 de julho de 1917, após uma assembléia na sede da FORJ, foi decidida a greve, que rapidamente se generalizou por várias categorias. A principal consequência deste movimento foi o fortalecimento da organização sindical revolucionária, que cresceu vertiginosamente a partir daí.

O ano de 1918 nasceu sob o impacto da vitoriosa Revolução Russa, que gerou uma irresistível onda de otimismo e agitação no proletariado consciente de todo o mundo. Em janeiro, foi fundada por militantes libertários a *Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, organização específica dedicada à propaganda social. No dia 1º de março era fundada a *União Geral dos Trabalhadores* (UGT), em substituição à FORJ que havia sido fechada pela polícia em agosto



José Otílica

de 1917, após a greve generalizada. Em abril, após 15 dias de greve, os sapateiros conquistaram a jornada de 8 horas e meia de trabalho. Começavam a circular na imprensa carioca boatos de uma "projetada greve geral", gerando a reação repressiva da polícia sobre a UGT. Com o estado de sítio decretado, o 1º de maio é comemorado nas sedes sindicais e num grande ato promovido pela UGT no Theatro Maison Moderne, na Praça Tiradentes. Aspecto importante do processo de organização operária nesse ano, é a fundação de inúmeras sucursais suburbanas da UGT, dos têxteis, metalúrgicos e da construção

civil. Em junho e julho inúmeras greves de marceneiros, marmoristas, carvoeiros, estivadores e chapeleiros se sucederam, com destaque para a paralisação de diversas fábricas de tecido. No dia 3 de agosto, foi decretada a greve por aumento salarial e redução da jornada dos trabalhadores da *Companhia Cantareira* (barcas) e da *Viação Fluminense* (bondes), que acabou adquirindo caráter de insurreição a partir de um conflito entre populares e a Força Pública, na Rua da Conceição (Niterói). Um fato importante foi a adesão à causa grevista de vários soldados do 58º Batalhão de Caçadores do Exército, que participaram do tiroteio, sendo dois desses militares mortos no episódio. Este fato reforçou a expectativa entre os operários da construção de uma aliança com os escalões inferiores das Forças Armadas, tal como ocorrido na Rússia.

O custo de vida continuou disparando em todo país, recrudescendo as greves e manifestações em quase todas as capitais e cidades industriais. Voltaram os boatos de greve geral no Rio, gerando preocupação nos altos escalões republicanos. Enquanto isso, na cidade de Petrópolis/RJ, a população faminta promoveu saques e conflitos com a polícia.

No final de setembro a catástrofe se consumava. Começou no Rio a terrível epidemia de gripe espanhola, que dizimou em outubro milhares de trabalhadores. Enquanto no Rio a polícia prendia operários que militavam no *Comitê Pró-Combate à Epidemia*, a burguesia e as autoridades (inclusive as sanitárias) se refugiavam nas cidades serranas. Com o início de novembro a epidemia declinou, mas a fome seguiu matando às centenas, principalmente nos subúrbios esquecidos.

Um turbilhão de episódios e notícias antecedeu a insurreição que se avizinhava. O patronato têxtil se recusou a atender às rei-

(continua na pág. 4)

"Tenhamos cuidado ao acreditar que a falta de organização é uma garantia de liberdade. Tudo demonstra que é o contrário."

E. Malatesta

AS BOCAS

ANARQUISMO HOJE

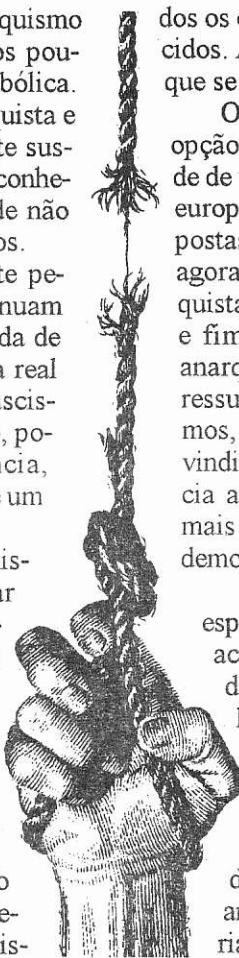
Na época atual temos que admitir que o anarquismo organizado encontra-se numa profunda crise. Somos poucos, nossa presença social é praticamente nula, simbólica. Grande parcela da sociedade ignora a filosofia anarquista e teima em associá-la à desordem, bagunça, sutilmente sustentada pelo sistema que nega sua existência, pois reconhece na ideologia libertária o verdadeiro inimigo, onde não cabe o selvagem capitalismo consumista que vivemos.

Todavia, é concepção destes que escrevem este pequeno artigo que as idéias força do anarquismo continuam carregadas de sentido e radicalidade neste final/virada de século. Consideramos o anarquismo uma alternativa real aos inúmeros problemas gerados pelo capitalismo fascista vigente: miséria, desemprego, alienação, consumo, poluição, destruição da natureza, inflação, violência, autoritarismo, militarismo, preconceito, exploração e um largo etc.

Dentro do sistema capitalista em que vivemos existem diversos espaços e campos de ação para organizar e materializar o anarquismo, seja no campo da ecologia social, antimilitarista, de defesa das autonomias regionais, das "minorias" discriminadas, da juventude, da luta antimanicomial, dos movimentos "contraculturais" e de resistência a toda forma de opressão, por novas alternativas de comunicação e democratização das informações, entre outras, onde a imaginação possa alcançar.

Mas aí perguntamos: o que devemos fazer? No momento atual acreditamos que o nosso esforço deverá ser dirigido para a propaganda das idéias anarquistas na sua plenitude; na organização séria, estável e atuante dos anarquistas em todos os terrenos da atividade humana; fortalecer os grupos local e regionalmente, participando dos movimentos sociais de base, criando situações subversivas nas lutas que estamos inseridos, criando novos espaços e novos processos de viver a luta do dia-a-dia. As possibilidades dependem também da capacidade criativa, combativa, corajosa, idealista e altruísta de cada pessoa que assuma apaixonadamente o anarquismo.

Vale lembrar que nos tempos de Bakunin, Kropotkin, Proudhon e tantos outros que foram os iniciadores da luta anarquista, que o ambiente não era favorável, pelo contrário, era bastante adverso. Sofriam represálias, incompreensão, o analfabetismo da classe operária era muito superior ao de hoje. Os meios de divulgação das idéias e de propaganda anarquista também eram inferiores aos que atualmente podemos contar. Mas a generosidade, o amor destes homens às idéias anarquistas os impulsionaram a não titubear na luta empreendida. Com coragem, boa vontade e perseverança ultrapassaram to-



dos os obstáculos, sem resignarem-se ou darem-se por vencidos. Assim conseguiram formar um ambiente, um clamor que se fazia sentir em todos os lugares públicos.

O anarquismo é atualmente, e mais do que nunca, uma opção para aqueles que ainda ousam acreditar na realidade de uma sociedade mais justa. Com a derrocada do leste europeu e de seus delírios "socialistas", quando as propostas autoritárias perderam muito de sua força, surge agora um vácuo, um espaço a ser ocupado e nós, anarquistas, não temos medo de propor a liberdade como meio e fim para esta sociedade. Desde maio de 68 que o anarquismo revigorado pelas idéias contraculturais vem ressurgindo. Talvez ainda não tenha a força que desejamos, mas com certeza está longe de estar morto. As reivindicações dos jovens de maio de 68 eram em sua essência anarquistas e somos nós, libertários, que propomos mais uma vez as barricadas do desejo. De lá para cá podemos citar onde estas barricadas vêm acontecendo:

→ Na Europa onde pessoas vêm ocupando prédios e espaços ociosos: são os *Squatters*, anarquistas que não aceitam a irracionalidade da falta de moradia em cidades onde há desperdícios de espaço por mera especulação.

→ A luta antimilitarista, bastante desenvolvida na Espanha, traz a tona uma das contradições do capitalismo, que esquece o elemento humano para dar lugar às armas, força e poder, para defender bandeiras que dividem os homens criando pátrias. Jovens anarquistas na Espanha, e aqui no Brasil, em sua maioria anarco-punks propõem a objeção de consciência (o não cumprimento do serviço militar obrigatório) em um ato de desobediência civil.

→ Em Chiapas, no México, onde anarquistas lutam ao lado dos Zapatistas por justiça social, respeito a diversidade cultural, solidariedade e liberdade.

→ Na Internet onde milhares de *sites* propagandeiam as idéias anarquistas e onde *hackers* anarquistas praticam ação direta através de mensagens e sabotagens contra grandes corporações.

→ Na luta ecológica onde defensores da ecologia social se organizam em grupos que combatem os desmatamentos, as armas nucleares, os maus tratos aos animais e, principalmente, a exploração de outros homens.

→ No anarco-indianismo que começa a propagar suas idéias pela América Latina.

→ E no anarco-feminismo, que busca formas de liberação da mulher contra a sociedade patriarcal e autoritária.

Enfim, nem tudo está perdido, ainda há dignidade e sentimentos solidários na consciência de muitas pessoas e os anarquistas continuam lutando no lugar que lhes é mais caro no seu dia-a-dia. Apesar de tudo, acreditamos em cotidianizar a revolução e revolucionar o cotidiano. Em um mundo plural, colocamos nossa proposta e fazemos nossa a reivindicação dos rebeldes chiapenhos: **"Por um mundo em que caibam vários mundos"**.

Moésio Rebouças & Giulius C. G. Aprigio (Baixada Santista/SP)

Extraído da coletânea **"Anarquismo em Debate - Projeto História do Pensamento Libertário"** (Rede Libertária da Baixada Santista/Centro de Cultura Social-SP)

Assinatura semestral de apoio (R\$ 7,00); pacote de 10

Liberas (R\$ 3,00);

solicite a nova tabela de publicações à venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c

Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal.)

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CELIP.

MEU ANARQUISMO

Basta-me o sentido etimológico: "ausência de governo". É preciso destruir o espírito de autoridade e o prestígio das leis. Isso é tudo.

Será obra do livre exame.

Os ignorantes imaginam que anarquia é desordem e que, sem governo, a sociedade se converterá sempre num caos. Não concebem outra ordem senão a imposta pelo terror das armas.

Mas, se atentassem na evolução da ciência, por exemplo, veriam que, à medida que foi diminuindo o espírito de autoridade, se estenderam e solidificaram nossos conhecimentos. Quando Galileu, deixando cair do alto de uma torre objetos de diferentes densidades, mostrou que a velocidade da queda não dependia de suas massas, pois chegavam ao mesmo tempo ao solo, as testemunhas de tão concludente experiência negaram-se a aceitá-la, porque não estava de acordo com o que dizia Aristóteles. Aristóteles era o governo científico: seu livro era a lei. Havia outros legisladores: Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Santo Anselmo. E, afinal, que ficou de sua dominação? O recôrdio é um estôrvo. Sabemos muito bem que a verdade tem seus fundamentos exclusivamente nos fatos. Nenhum sábio, por ilustre que seja, apresentará hoje sua autoridade como argumento; nenhum pretenderá impor suas idéias pelo terror. O que descobre limita-se a descrever sua experiência, para que todos a repitam e verifiquem o que ele fez. E isso, o que é? É livre exame, base de nossa prosperidade intelectual. A ciência moderna é grande por ser essencialmente anárquica. E quem será o louco que a tache de desordenada e caótica?

A prosperidade social exige iguais condições.

O anarquismo, tal como entendo, reduz-se ao livre exame político.

Revela curarmo-nos do respeito a lei. A lei não é respeitável. É obstáculo a todo progresso real. É uma noção que urge abolir.

As leis e as constituições, que, pela violência, governam os povos são falsas. Não são filhas do estudo e da comum ascensão dos homens. São filhas de uma minoria bárbara, que se apoderou da força bruta para satisfazer sua cobiça e crueldade.

Talvez os fenômenos sociais obedeçam a leis profundas. Nossa sociologia está ainda na infância e não as conhece. É indubitável que nos convém investigá-las e que, se logarmos esclarecê-las, passarão a ser-nos imensamente úteis. Mas, ainda que as possuíssemos, jamais as exigiríamos em Códigos ou em Sistemas de Governo. Para quê? Se, com efeito, são leis naturais, cumprir-seão por si mesmas, queiramos ou não. Os astrônomos



não dão ordens aos astros. Nosso único papel será o de testemunhas.

É evidente que as leis escritas não se parecem, nem pelo forro, com as naturais. Valente majestade a desses pergaminhos velhos que qualquer revolução queima na praça pública, aventando as cinzas para sempre! Uma lei que necessita de policiais usurpa o nome de lei. Não é tal lei, é mentira odiosa.

E que policiais! Para compreender até que ponto são nos-

sas leis contrárias à índole das coisas, ao gênio da humanidade, é suficiente contemplar os armamentos colossais, maiores a cada dia, a massa de força bruta que os governos amontoam para poder existir, para poder agüentar por alguns minutos a mais, o impulso invisível das almas.

Nove décimos da população terrestre, graças as leis escritas, estão degeneradas pela miséria. Não é necessário lançar mão de muita sociologia, se pensarmos nas maravilhosas aptidões assimiladoras e criadoras das crianças das raças mais "inferiores", para perceber a monstruosa loucura desse desperdício de energia humana. A lei escoiceia o ventre das mães.

Estamos dentro da lei como o pé chinês dentro do borzeguim, como o baobá dentro do vaso japonês. Somos anões voluntários!!

E tememos "o caos" se tiramos o pé do borzeguim, se quebramos o vaso e nos plantarmos em plena terra, com a imensidade por parede! Que importam as formas futuras? A realidade as revelará. Estejamos certos de que serão belas e nobres, como as da árvore livre.

Que nosso ideal seja o mais alto. Não sejamos "práticos". Não intentemos "melhorar" a lei, substituir um borzeguim por outro. Quanto mais inacessível pareça um ideal, tanto melhor. As estrelas guiam o navegante. Apon-temos logo para o termo longínquo. Assim assinalaremos o caminho mais curto. E antes venceremos.

Que fazer? Educar-nos e educar. Tudo se resume ao livre exame. Que nossos filhos examinem a lei e a desprezem.

Rafael Barrett

Nota: Rafael Barrett nasceu em Torrelavega, província espanhola da Cantábria, em 07/01/1876, e morreu em Aranchon, França, em 17/12/1910. Viveu no Paraguai os últimos anos de sua vida, onde escreveu a maior parte de sua obra. Texto extraído de jornal *Ação Direta* # 90, do Rio de Janeiro, de dezembro de 1953.

Bibliografia: *El Sindicalismo Libre en Paraguay* (Aportes doctrinarios y critica historica); Ciriaco Duarte; RP Ediciones; 1987; Asunción, Paraguay, 247 pp.

vindicações dos tecelões; informes na imprensa da revolução proletária na Alemanha; fim da 1ª Guerra Mundial no dia 12/11; enfermidade do presidente eleito Rodrigues Alves e a posse interina de Delfim Moreira no dia 15.

No dia 18 os tecelões declararam greve simultânea nas fábricas do Rio, Niterói, Petrópolis, Magé e Santo Aleixo. Os metalúrgicos e a Construção Civil aderiram. No meio da tarde os trabalhadores começaram a convergir para o Campo de São Cristóvão. Segundo o livro de Addor (1986), a polícia deu ordem de dispersar e tentou prender os operários mais exaltados. Os trabalhadores reagiram e iniciou-se um tiroteio. Duas bombas explodiram na delegacia e a multidão a invadiu. Pouco depois, soldados do Exército intervieram, desocupando a delegacia e dispersando os trabalhadores, que pretendiam invadir a Intendência do Exército. O conflito se estendeu por ruas vizinhas, mas cargas de cavalaria debandaram os revoltosos. Fica aqui uma polêmica: Edgar Rodrigues (1972), baseado em depoimentos de militantes, afirma que os operários ao saberem através de um capitão que o levante havia sido traído, evitaram atitudes extremas. Segundo esse autor, com o governo preparado para a sublevação, o movimento teria sido abortado antes de nascer.

De qualquer modo, a traição e a não adesão dos soldados frustrou os planos exaustivamente delineados durante meses. Estes já eram conhecidos detalhadamente pela polícia e pelo Exército. Um militar, o tenente Jorge Elias Ajus, foi infiltrado no movimento, participou de todas as reuniões e chegou a ficar responsável pela estratégia militar do levante. Planejava-se após a tomada da Intendência, que os operários e militares revoltosos rumariam para o Centro e atacariam a Prefeitura, o Palácio da Polícia e o Quartel da Brigada Policial. Enquanto isso, os operários da Zona Sul atacariam o Palácio do Catete e a Câmara dos Deputados. Seria então declarado o Conselho de Operários e Soldados.

No início da tarde do dia 18 foram presos no Centro todos os "cabeças" do movimento: José Oiticica, Manuel Campos, Astrojildo Pereira, Carlos Dias, Álvaro Palmeira, José Elias da Silva, João da Costa Pimenta e Agripino Nazaré. Cerca de 200 pessoas foram detidas, entre militantes anarquistas, operários (anarquistas ou não) e "suspeitos". Na porta da Fábrica Confiança, agentes da polícia mataram o tecelão Manuel Martins e feriram outro operário, que veio a falecer dias depois. O cortejo fúnebre, apesar de proibido, foi acompanhado por centenas de operários. A despeito da violência repressora, prosseguiu por mais duas semanas a greve dos tecelões, metalúrgicos e da construção civil. No dia 20 as sedes desses sindicatos foram fechadas pela repressão e, no dia 22, a UGT foi dissolvida por decreto federal.

A Insurreição de 1918 não foi uma aventura ilusória e inconsequente, foi uma tentativa de emancipação dos trabalhadores feita pelos próprios trabalhadores, embasada nas suas experiências de luta e organização, na sua vontade de ver realizada a sonhada Revolução Social. A melhor homenagem que podemos prestar a esses companheiros, é a nossa luta para manter acesa a chama que iluminará o caminho para uma sociedade sem classes e sem exploração, sem Estado e sem dominação.

Bibliografia: *A Insurreição Anarquista do Rio de Janeiro*, Carlos Henrique Addor, 1986, Dois Pontos Editora, 219 pag. & *Nacionalismo e Cultura Social*, Edgar Rodrigues, 1972, Editora Laemmert, p. 227 a 233.

Notícias Libertárias

Solidariedade urgente!: "Vimos através desta com máxima necessidade e urgência pedir o apoio e a colaboração de todos os interessados na vida comunitária e na resistência *squatt*. Nós, do *Squatt Payoll* estamos necessitando restaurar a pintura da casa, pelo menos da parte exterior, para que não sejam desalojados. Tivemos a desagradável notícia que a Câmara dos vereadores de Curitiba tem em mãos um projeto com o qual quer acabar com as casas abandonadas no centro da cidade e recuperar o patrimônio histórico. Segundo eles, estas casas vêm aumentando o número de "marginais", moleques de rua, prostitutas, etc. O *Squatt Payoll* é citado nesta lista, pois já tivemos prova concreta quando a C.O.P.E. esteve aqui para nos desalojar. O que queremos é mudar esta imagem que os vereadores e a polícia vêm divulgando e deixar claro que o local onde moramos não é um espaço físico para "marginais". O que pedimos aos interessados é que nos enviem a colaboração de R\$1,00 via carta camuflada para realizarmos a pintura e, em troca, enviaremos um adesivo do *Squatt Payoll*. Endereço: Caixa Postal 17333; CEP 80242-970; Curitiba/PR." (**Fonte:** *Squatt Payoll*).

Livro: Editado (já faz algum tempo...) pela *Associação Felix Likiniano* o livro "*Comandos Autônomos: um anticapitalismo iconoclasta*", que narra a trajetória deste movimento armado basco integrado por setores antiautoritários cindidos da ETA e militantes provenientes do movimento libertário, que durante os anos 70 e 80 lutou com critérios e estratégias que foram muito além da guerra nacionalista empreendida pela ETA. Informações escrever para: c/ Ronda, 12; 48005 Bilbao; Espanha (**Fonte:** *La Lletra A*).

Periódicos Libertários: *CNT*, *Rojo y Negro* e *Solidaridad Obrera* são os três periódicos mais conhecidos dentro da imprensa anarco-sindicalista espanhola. *CNT* é o porta-voz da *Confederação Nacional do Trabalho*, com quase 250 números publicados, oferece múltiplas reflexões sobre questões atuais e do passado, além de divulgar as atividades dos sindicatos confederados e do movimento libertário em geral (Apartado 40; 18080 Granada; Espanha). *Rojo y Negro* é editado pela Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e, diferentemente do próprio sindicato, mantém sua etiqueta anarco-sindicalista. Apresenta diagramação atraente e enfoque aberto a temas sociais (Compañía, 9-1ª izqda., 31001 Iruñea; Espanha). Não se pode falar do *Solidaridad Obrera* no singular, já que existem dois periódicos com esse nome, após a ruptura ocorrida na CNT catalã. O setor denominado "desfederado" mantém o *Soli* com a estética e o conteúdo do que vinha sendo o jornal nos últimos anos, e agora com um suplemento de humor, o *El Solidarin* (c/ Joaquim Costa, 34-entlo; 08001 Barcelona; Espanha). O outro *Soli* é mais modesto em sua apresentação, mas serve igualmente de referência dentro do mundo libertário e anarco-sindicalista (Via Augusta, 2; 08911 Badalona; Espanha) (**Fonte:** *Ektintza Zuzena* #22).

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO. CP 15001. CEP 20155-970. RIO DE JANEIRO/RJ. LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO DE JANEIRO/RJ * CONTRASTE. CP 23070. CEP 20921-970. RIO DE JANEIRO/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * GRAVIDA. CP 3395. CEP 82001-970. CURITIBA/PR * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * UNI-LIVRE. CP 03668. CEP 70084-970. BRASÍLIA/DF * CCL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * CCL/BH. CP 1293. CEP 30123-970. BELO HORIZONTE/MG * UAF. CP 96809. CEP 28610-970. NOVA FRIBURGO/RJ * ULM. CP 920. CEP 87010-970. MARINGÁ/PR * FSL. CP 333. CEP 09701-970. SBC/SP * TOKA. CP 188. CEP 93001-970. SÃO LEOPOLDO/RS * OSL. CP 180. CEP 92001-970. CANOAS/RS.

... ANDRE MID